

CRER PARA COMPREENDER

Buscar, fazer, ensinar

O sacerdote que um rei persa chamou de escriba da Lei, a manhã da leitura em Neemias 8, o ofício do escriba em Ben Sira, nos Macabeus, em Josefo e na memória dos rabinos, e o escriba feito discípulo do Reino em Mateus 13, lido pelos Pais, por Calvino, por Wesley e pelas confissões das igrejas

D. G. DE SOUZA

HAC-S01-005

VI Os escribas dos Evangelhos

VII Coisas novas e velhas

VIII Quem interpreta a Palavra hoje?

IX Um só é o vosso Mestre

Capítulo I

Escriba hábil na Lei de Moisés

No primeiro dia do quinto mês, depois de quatro meses de estrada, um grupo de exilados que tinha saído da Babilônia chegou a Jerusalém. Quem o conduzia era um sacerdote chamado Esdras. Na bagagem havia prata e ouro que o rei da Pérsia e os seus conselheiros ofereciam ao Deus de Israel, e uma carta em aramaico, a língua da chancelaria persa. A carta começava assim.[1]

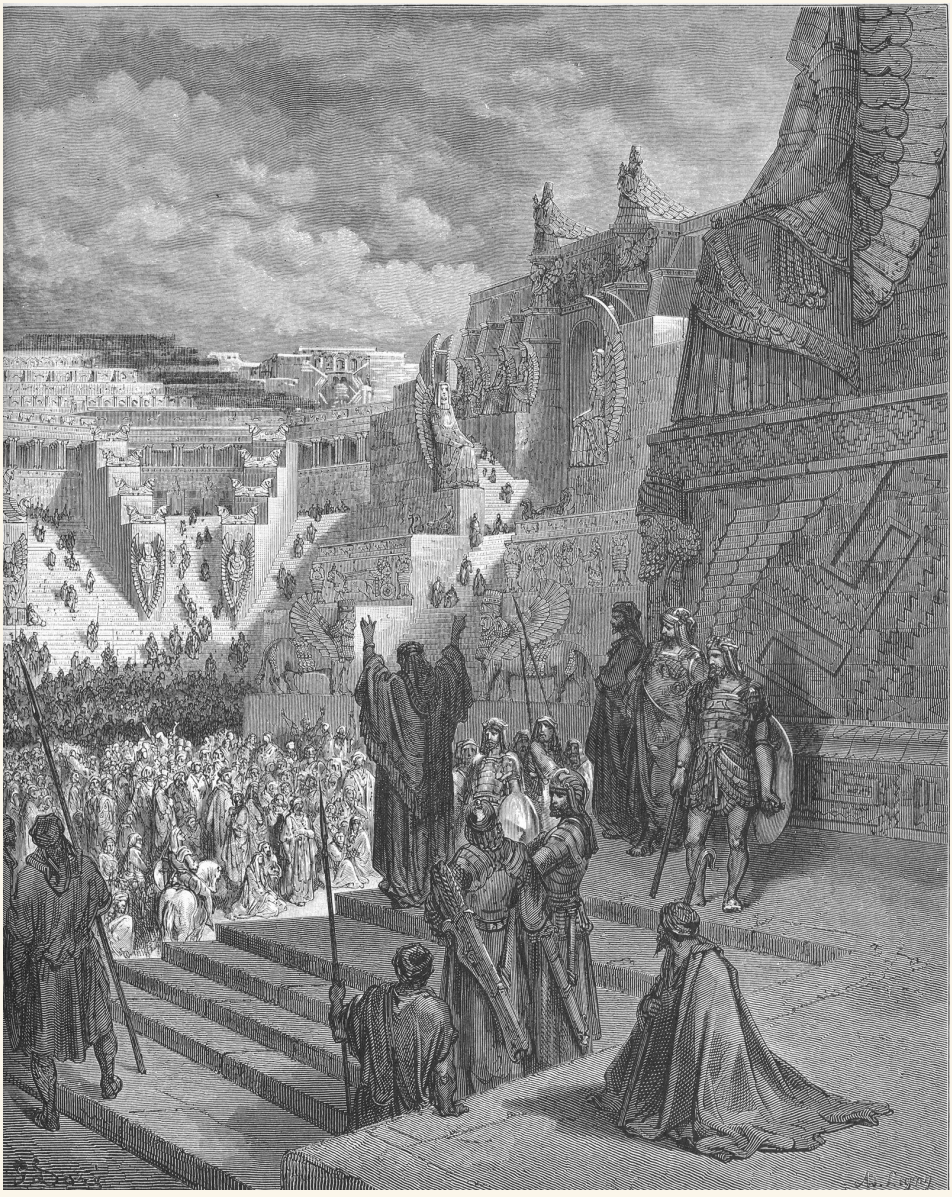
Esdras 7:12

אַרְתַּחְשַׁסְתְּא מֶלֶךְ מַלְכַיָּא לְעֶזְרָא כָהֲנָא סָפַר דָּתָא דִּי־אֱלָהּ שְׁמַיָּא גְּמִיר וּכְעָנָת

"Artaxerxes, rei dos reis, a Esdras, o sacerdote, escriba da lei do Deus do céu: [...] E agora..."

"Rei dos reis" era o título das inscrições dos reis persas. No fascículo sobre Jônatas, nomeado por um rei grego, vimos um rei estrangeiro mandar por carta a veste santa a um sacerdote de Jerusalém. Séculos antes, esta outra carta não

manda veste nenhuma: dá a um sacerdote autoridade para fazer valer a lei do seu Deus. E o título com que o rei o trata não é só "sacerdote". É "escriba".[2]



No alto da escadaria do palácio, cercado de guardas, o rei persa concede liberdade aos judeus; embaixo, um homem ajoelhado recebe a concessão, e a multidão enche a praça. Gravura de Gustave Doré para a Bíblia de Tours (1866), que ilustra Esdras 7: a carta de Artaxerxes que autoriza Esdras a subir a Jerusalém (domínio público).

Gustave Doré, gravura da Bíblia de Tours, 1866 (domínio público)

O narrador apresenta o homem antes de transcrever a carta, e pelo mesmo título.

Esdras 7:6

הוּא עֶזְרָא עָלָה מִבָּבֶל וְהוּא־סֹפֵר מָהִיר בְּתוֹרַת מֹשֶׁה אֲשֶׁר־נָתַן יְהוָה אֱלֹהֵי יִשְׂרָאֵל וַיִּתֶּן־לוֹ הַמֶּלֶךְ כְּיַד־יְהוָה אֱלֹהָיו עָלָיו כֹּל בַּקָּשָׁתוֹ

"Esse Esdras subiu da Babilônia. Ele era escriba hábil na Lei de Moisés, que o Senhor, Deus de Israel, tinha dado; e o rei lhe deu tudo o que pedia, segundo a mão do Senhor, seu Deus, sobre ele."

Sofer mahir, "escriba hábil". A única outra vez em que a expressão aparece inteira na Bíblia hebraica é no Salmo 45: "a minha língua é a pena de um escriba hábil". Em Provérbios, *mahir* é a perícia de quem serve à corte: "Viste um homem hábil no seu trabalho? Diante de reis se apresentará" (22:29). Esdras está diante de um rei. Os tradutores gregos leram a palavra pelo outro sentido da raiz e escreveram "escriba rápido"; mas o elogio é de perícia, e não de velocidade.[3]

E a perícia tem objeto preciso: a Lei "que o Senhor, Deus de Israel, tinha dado". O texto põe a autoridade no livro, e não no escriba: Esdras é perito num livro que não escreveu e que veio de Deus.

Sacerdote, não sumo sacerdote

A genealogia sobe de Esdras a "Arão, o sacerdote-chefe" em dezesseis gerações, onde 1 Crônicas tem vinte e duas: liga Esdras a Arão, mas salta nomes. E o "filho de Seraías" quer dizer descendente: Seraías foi executado pelo rei da Babilônia em 587 ou 586 a.C. Esdras não era sumo sacerdote. Os livros de Esdras e de Neemias o chamam de "o sacerdote" e "o escriba"; quem o promoveu foi 1 Esdras, que reconta em grego a mesma história e o chama de "sumo sacerdote e leitor".[4]

Firmou o coração

Depois de contar a viagem, "segundo a boa mão do seu Deus sobre ele", o narrador explica por que Esdras foi.

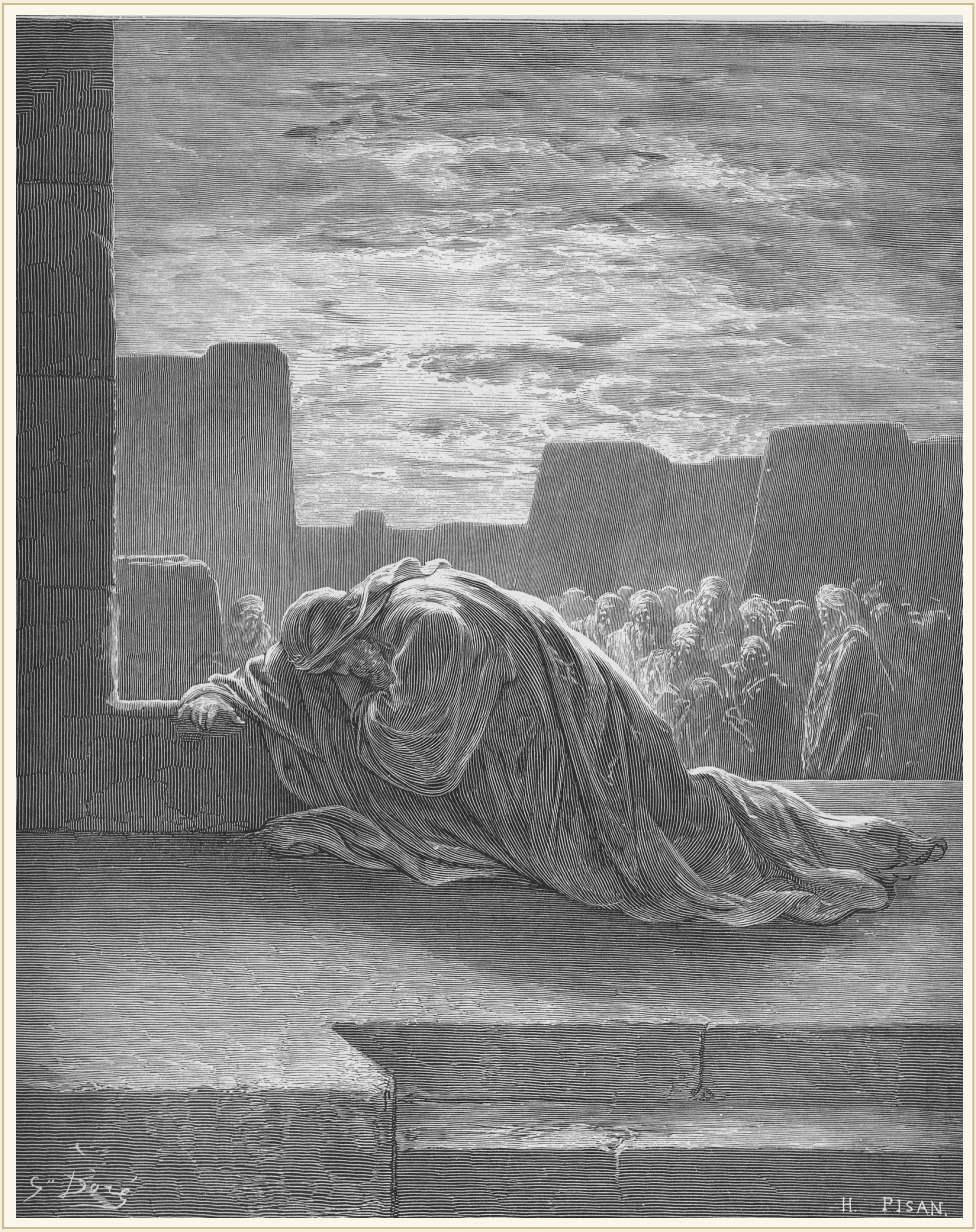
> **Esdras 7:10**
>
> כִּי עֶזְרָא הֵכִין לְבָבוֹ לִדְרֹשׁ אֶת־תּוֹרַת יְהוָה וְלַעֲשׂוֹת וּלְלַמֵּד בְּיִשְׂרָאֵל חֹק וּמִשְׁפָּט
>
> "Pois Esdras tinha firmado o seu coração para buscar a Lei do Senhor, e para praticá-la, e para ensinar em Israel estatuto e juízo."

A ordem é a mensagem: buscar, fazer, ensinar. O segundo verbo é o simples "fazer", *la'asot*. Nenhum dos três troca de lugar sem estragar os outros: quem ensina o que não pratica ensina mal, e quem pratica o que não buscou na Lei pratica às cegas.

A fórmula "firmar o coração para buscar" aparece só mais três vezes na Bíblia hebraica, e nas três o que se busca é Deus. Só aqui a Lei é o objeto direto de "buscar".[5] Nos livros dos Reis, quem queria "buscar o Senhor" ia a um profeta (1 Reis 22:8); Esdras firmou o coração para buscar a Lei. Desse verbo, *darash*, os rabinos tirariam a palavra *midrash*, a investigação do texto; mas *midrash* é palavra rabínica, posterior.

Os outros dois verbos ecoam Moisés: "o Senhor me ordenou ensinar-vos estatutos e juízos, para que os fizésseis" (Deuteronômio 4:14). E ensinar a Lei era ofício do sacerdote: "da sua boca se busca a Lei", diz Malaquias (2:7). Em Esdras, sacerdote e escriba são a mesma pessoa.

O refrão desses capítulos é "a mão do Senhor, seu Deus, sobre ele", e a carta do rei usa a palavra do outro lado: Esdras vai "segundo a lei do teu Deus, que está na tua mão" (7:14). O livro na mão de Esdras, a mão de Deus sobre Esdras: é o retrato inteiro de um escriba fiel.



Esdras, prostrado sobre a pedra e coberto pelo manto, ora sozinho em primeiro plano, enquanto a multidão se ajunta ao fundo sob um céu carregado. A gravura de Gustave Doré para a Bíblia de Tours (1866) ilustra a oração de confissão de Esdras 9:5–15, e não a viagem de Esdras 7; aqui serve de retrato do escriba sobre quem estava "a mão do Senhor" (domínio público).

Gustave Doré, gravura da Bíblia de Tours, 1866 (domínio público)

Em números

4 meses *de viagem, da Babilônia a Jerusalém, do primeiro ao quinto mês (Esdras 7:8–9)*

Daí a pergunta deste fascículo. Como esse sacerdote, "escriba hábil na Lei de Moisés", virou o modelo do especialista que lê e explica a Escritura para o povo? E quem eram, séculos depois, os escribas que aparecem nos Evangelhos ao lado dos fariseus e dos sumos sacerdotes?

1. Esdras 7:7–9 e 7:12–26, no texto massorético; o grego, na Septuaginta de Rahlfs e no SBL Greek New Testament. Todas as traduções são do autor.
2. A palavra aramaica *gemir*, depois do título, é obscura e fica em colchetes. Fascículo *Nomeado por um rei grego* (HAC-S02-006).
3. Salmo 45:2 (45:1 nas Bíblias em português); Septuaginta, 2 Esdras 7:6 (γραμματεὺς ταχύς).
4. Esdras 7:1–5; 1 Crônicas 5:29–41 (6:3–15 em português); 2 Reis 25:18–21; 1 Esdras 9:39. Josefo diz que o sumo sacerdote era Joaquim (*Antiguidades* 11.121).
5. 2 Crônicas 12:14, 19:3 e 30:19; *darash* com *torá* só em 2 Crônicas 14:3, 31:21 e Esdras 7:10.

Capítulo II

A carta do rei dos reis

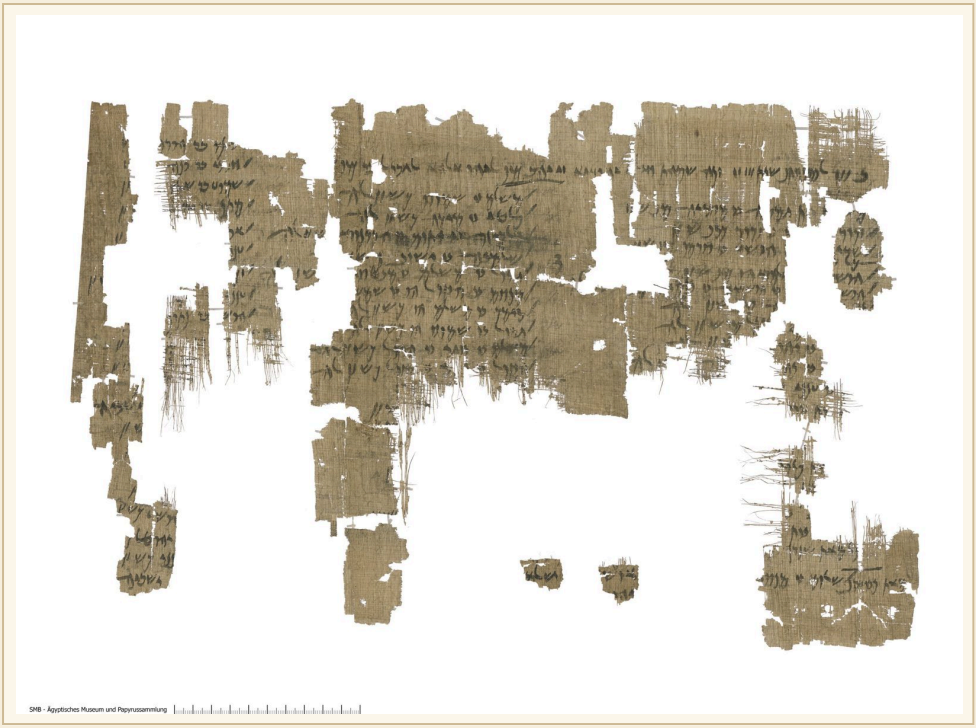
O título de Esdras 7:6 não nasceu em Israel. Em Elefantina, ilha do Nilo onde viveu no século V a.C. uma comunidade judaica sob o domínio persa, achou-se um papiro aramaico com a história de Ahiqar, sábio que servia "à porta do palácio" do rei assírio Senaqueribe.

Papiro de Ahiqar, Elefantina (século V a.C.)

מלי אחיקר שמה ספר חכים ומהיר [ספר]

"[Livro] das palavras de um chamado Ahiqar, escriba sábio e hábil."

As mesmas palavras, *sofer mahir*. Nas cortes do Oriente, "escriba hábil" era elogio a quem servia o rei com a pena, e o escriba de corte era alto funcionário, não simples copista. Esdras 7:6 toma a fórmula e muda o objeto: hábil "na Lei de Moisés". O próprio livro conhece o escriba de corte: a carta de denúncia contra Jerusalém vem de "Reum, o chanceler, e Simsai, o escriba" (4:8), com a mesma palavra aramaica, *safra*. O título de Esdras aparece primeiro nas mãos de um adversário.[1]



Fragmentos de um papiro aramaico de Elefantina com a lista de mais de cento e vinte doadores ao templo judaico da ilha, de 400 a.C. Não é o papiro de Ahiqar nem a petição de 407 a.C., mas vem da mesma comunidade judaica e mostra o aramaico oficial do império persa, a língua da carta de Artaxerxes. Papiro Berlim P. 13488, prancha A, Ägyptisches Museum und Papyrussammlung, Staatliche Museen zu Berlin (domínio público).

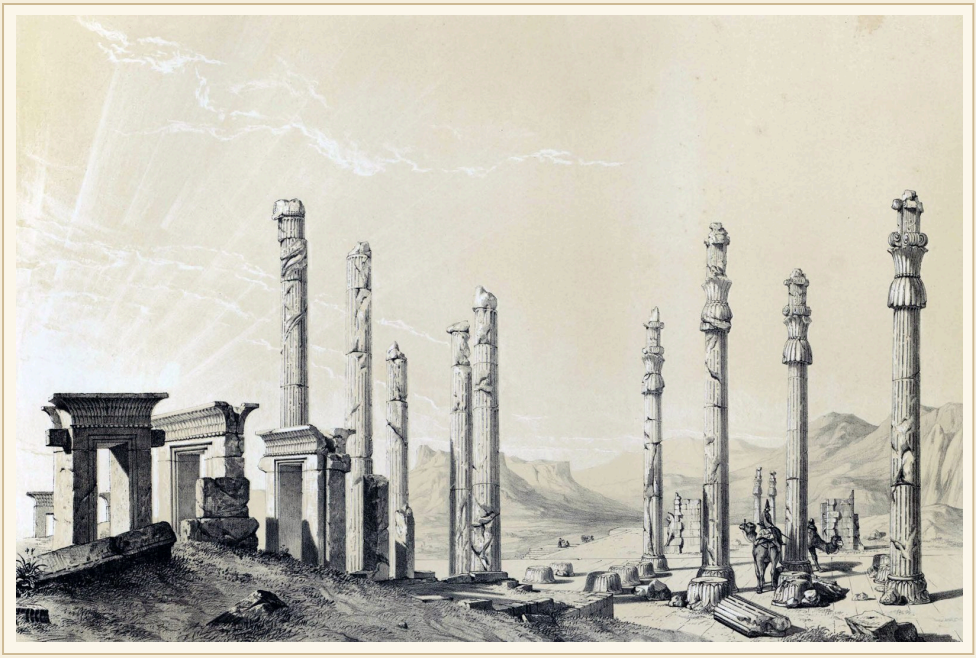
Papiro Berlim P. 13488, prancha A, recto, Ägyptisches Museum und Papyrussammlung, Staatliche Museen zu Berlin (domínio público)

A carta a Esdras tem o vocabulário da chancelaria persa: *parshegen*, "cópia", *nishtewan*, "rescrito", *dat*, "lei", e advérbios tomados do persa antigo. E o que ela manda é muito. Esdras é enviado "da parte do rei e dos seus sete conselheiros, para inspecionar Judá e Jerusalém segundo a lei do teu Deus"; recebe verbas do tesouro real, "até cem talentos de prata"; e os servidores do Templo ficam livres de "tributo, imposto ou taxa" (7:14–24). Então a carta chega ao centro.[2]

E tu, Esdras, segundo a sabedoria do teu Deus, que está na tua mão, nomeia magistrados e juízes que julguem todo o povo do outro lado do Rio, todos os que conhecem as leis do teu Deus; e a quem não as conhece, vós as ensinareis. E todo aquele que não cumprir a lei do teu Deus e a lei do rei, que se faça justiça dele com exatidão: morte, ou [desterro], ou multa sobre os bens, ou prisão.

ESDRAS 7:25-26

A lei do Deus de Israel passa a valer como lei do rei. É o centro histórico do capítulo. E o próprio rei fala de ensinar; a Bíblia grega, nesse versículo, diz "nomeia escribas e juízes".[3]



As ruínas de Persépolis, a capital cerimonial dos reis aquemênidas: colunas de pé num terraço vazio e montanhas ao fundo. Litografia de Eugène Flandin, desenhada no local em 1840 e publicada em Voyage en Perse, de Flandin e Pascal Coste (Paris, 1851). É o mundo de onde saiu a carta "da parte do rei e dos seus sete conselheiros" (domínio público).

Eugène Flandin, Voyage en Perse (Flandin e Coste), Paris, Gide et Baudry, 1851 (domínio público)

Um cargo do rei?

Daí nasceu a hipótese que acompanha o estudo de Esdras desde 1930: "escriba da lei do Deus do céu" talvez fosse o título oficial de Esdras, uma espécie de secretário do rei para a lei dos judeus. A ideia ficou ligada a H. H. Schaeder e foi retomada por K. van der Toorn. L. S. Fried faz de Esdras um inspetor persa, um dos "ouvidos do rei"; T. Ganzel compara o duplo título "sacerdote e escriba" ao do escriba-chefe dos templos babilônicos, que cuidava das taxas.[4]

E há quem duvide da própria carta. A favor dela pesam as palavras persas e o formulário de chancelaria; contra, a voz judaica do texto, em que o rei teme "a ira contra o reino do rei e de seus filhos" (7:23). Um documento serve aos dois

lados: por volta de 200 a.C., o rei selêucida Antíoco III, numa carta que Josefo transcreve, isentou de impostos "o conselho de anciãos, os sacerdotes, os escribas do santuário e os cantores do santuário". Uns veem aí o mesmo costume real, de persas a selêucidas; outros, o modelo pelo qual a carta de Esdras teria sido composta.[5]

A formulação honesta é esta: muitos estudiosos pensam que Esdras levava um cargo persa ligado à lei dos judeus, e muitos aceitam o núcleo da carta como documento persa; outros a julgam composição judaica posterior. O livro, por sua vez, faz questão de dizer de que Esdras era perito: da Lei de Moisés.

Que Artaxerxes?

Esdras chegou "no sétimo ano do rei Artaxerxes" (7:7), e o texto não diz qual. Com Artaxerxes I, o ano é 458 ou 457 a.C.; com Artaxerxes II, 398 ou 397. A data tradicional, e a de muitos estudiosos, é 458; desde 1890, com o belga A. van Hoonacker, há quem prefira 398. O debate continua aberto.[6]



O rei persa à mesa, a rainha ao lado, e o copeiro de pé diante dele. James Tissot intitulou o esboço Esdras et son Roi, mas a cena é a de Neemias 2:1–3, Neemias diante de Artaxerxes; o título junta os dois homens que o livro de Neemias põe lado a lado. Esboço a pena para La Sainte Bible: Ancien Testament (Paris, M. de Brunoff, 1904) (domínio público).

James Tissot, esboço para La Sainte Bible: Ancien Testament, Paris, M. de Brunoff, 1904 (domínio público)

Neemias tem data mais firme, 445 ou 444, sob Artaxerxes I, porque uma petição de Elefantina, de 407 a.C., já cita os filhos adultos do seu adversário Sambalate. Quem põe Esdras depois dele lembra que Esdras vai "à câmara de Joanã, filho de Eliasibe" (Esdras 10:6), e que a petição de 407 fala de "Joanã, o sumo sacerdote". Quem defende 458 responde que esse Joanã não é chamado de sumo sacerdote, que os nomes se repetiam e que o livro põe os dois juntos, "nos dias de Neemias, o governador, e de Esdras, o sacerdote, o escriba" (Neemias 12:26). E Ben Sira, por volta de 190 a 180 a.C., no seu elogio dos antepassados, vai de Zorobabel a Neemias sem mencionar Esdras.[7]

Escriba

Em hebraico, sofer; em aramaico, safra; em grego, grammateús, de grámma, "letra". A palavra dizia o que a pessoa fazia, e não a que grupo pertencia: secretário do rei, escrivão, copista, funcionário do Templo, mestre da Lei.

1. Papiro de Ahiqar, TAD C1.1, linha 1 (*Texts & Scripts from Elephantine*, Berlim); Esdras 4:8–9.
2. Esdras 7:11–26; *ništavana*, "rescrito", nas cartas de Arsames, sátrapa do Egito. A Septuaginta traduz "inspecionar" por ἐπισκέψασθαι, da família de ἐπίσκοπος.
3. Septuaginta, 2 Esdras 7:25 (γραμματεῖς καὶ κριτάς). A palavra traduzida por "desterro" em 7:26 é incerta: pode ser castigo corporal.
4. H. H. Schaeder, *Esra der Schreiber* (1930); K. van der Toorn, *Scribal Culture and the Making of the Hebrew Bible* (2007), p. 79; L. S. Fried, *Ezra and the Law in History and Tradition* (2014); T. Ganzel, *JANES* 36.1 (2023), pp. 90–103.
5. Contra a autenticidade, S. Grätz, *Das Edikt des Artaxerxes* (2004); Josefo, *Antiguidades* 12.142.
6. A. van Hoonacker, *Néhémie et Esdras* (Louvain, 1890).
7. Neemias 2:1 e 12:22–26; petição a Bagoas, TAD A4.8 (ano 17 de Dario II); Sirácida 49:11–13. Josefo não ajuda: põe os dois sob um rei Xerxes (*Antiguidades* 11.120–168).

Capítulo III

Desde a luz até o meio do dia

No fascículo sobre a sinagoga de Nazaré, Neemias 8 apareceu como padrão da leitura pública: um lê, outro explica. Aqui o capítulo volta com outra pergunta: o que aquela manhã mostra sobre o escriba e sobre o povo que o ouvia.[1]

Era o primeiro dia do sétimo mês, no outono.

Neemias 8:1

וַיֵּאָסְפוּ כָל־הָעָם כְּאִישׁ אֶחָד אֶל־הָרְחוֹב אֲשֶׁר לִפְנֵי שַׁעַר־הַמָּיִם וַיֹּאמְרוּ לְעֶזְרָא הַסֹּפֵר לְהָבִיא אֶת־סֵפֶר תּוֹרַת מֹשֶׁה

"E todo o povo se reuniu como um só homem na praça que está diante da Porta das Águas; e disseram a Esdras, o escriba, que trouxesse o livro da Lei de Moisés."

Quem pede o livro é o povo. O escriba não convoca a assembleia para impor o que sabe; a assembleia vai buscá-lo para ouvir o que está escrito. E quem ouve são "homens e mulheres e todo o que podia entender ouvindo" (8:2), crianças incluídas. A Bíblia grega chama a reunião de *ekklēsía*, a palavra que o Novo Testamento usará para a igreja. A praça era um largo aberto do lado leste da cidade, e não uma ágora grega com colunatas.[2]

E leu nele [...] desde a luz até o meio do dia, diante dos homens, das mulheres e dos que entendiam; e os ouvidos de todo o povo estavam no livro da Lei. E Esdras, o escriba, ficou de pé sobre uma torre de madeira que tinham feito para isso [...]. E Esdras abriu o livro aos olhos de todo o povo, pois estava acima de todo o povo; e, quando o abriu, todo o povo se pôs de pé.

NEEMIAS 8:3-5

Do raiar ao meio-dia são umas seis horas. A "torre de madeira" era uma plataforma alta; a Bíblia grega diz "estrado de madeira", *bêma*. Ao lado de Esdras ficaram treze homens, seis à direita e sete à esquerda. E o primeiro gesto do povo foi levantar-se, quando o livro se abriu.[3]

crer para compreender

FIM DA AMOSTRA · FASCÍCULO HAC-S01-005

Continue lendo como membro

Esta foi uma amostra de *Buscar, fazer, ensinar*. O fascículo inteiro tem 54 páginas: o estudo completo, com as fontes, as gravuras e as perguntas para conversar em grupo.

Os membros do canal no nível **Estudo aprofundado** (R$ 11,99 por mês) recebem o fascículo de cada episódio, para ler e colecionar. A partir de R$ 3,99, os bastidores de cada episódio e o voto no próximo tema.

Seja membro do Crer Para Compreender